

Jadilson Marinho da Silva
(Organizador)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 4



Atena
Editora
Ano 2023

Jadilson Marinho da Silva
(Organizador)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 4



Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Jadilson Marinho da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
L755	Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais 4 / Organizador Jadilson Marinho da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0889-5 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.895231602 1. Linguística. 2. Artes. I. Silva, Jadilson Marinho da (Organizador). II. Título. CDD 410
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

No capítulo 1, Vítor Hugo da Silva investiga a linguagem dos missivistas e o seu trabalho de construção do gênero literário também será realizado por meio da análise da linguagem que oscila de cerimoniosa a íntima, pela percepção da construção da amizade entre os dois escritores. Para isso, o autor analisa a linguagem das cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, no período de 1922 a 1944, num total de 420 missivas, publicadas no livro *Correspondência* por Marcos Antônio de Moraes em 2000. Pretende-se investigá-las como texto literário e, por meio dessa discussão, problematizar como a prática confessional domina esse gênero textual, mesmo nos momentos em que a ação crítica é predominante.

No capítulo 2, Alessandra Fonseca aborda o tema “OS CRIVOS SIMBÓLICOS ROSEANOS: Um estudo sobre as relações entre palavras e imagens em *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa”. A autora faz leituras intersemióticas dos contos rosianos “Sorôco, sua mãe, sua filha”, “Um moço muito branco”, “Substância” e suas respectivas ilustrações realizadas por Luís Jardim para o livro *Primeiras estórias*.

No capítulo 3, Clarice da Silva Costa analisa o texto dramático **Tarsila**, de Maria Adelaide Amaral, apoiando-se no conjunto teórico de Mikhail Bakhtin. Essa peça além de apresentar o relacionamento amoroso entre Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, mostra a amizade desses com Anita Malfatti e Mário de Andrade

No capítulo 4, Elza Carolina Beckman Pieper discute sobre os aspectos da política intervencionista norte-americana. Com base em autores como Frédéric Gros, Michel Foucault e Tzvetan Todorov, de modo particular, pela mobilização de conceitos como “poder”, “saber”, “território” e “verdade”. A pesquisadora pretende mostrar como os Estados Unidos da América tratam as outras nações, hierarquizando valorativamente os lugares de tal modo que separa os territórios entre civilizados e bárbaros, cabendo a solução para os problemas de violência ao sujeito exógeno.

No capítulo 5, Marcos da Silva Sales e André Luiz Gomes discutem e analisam a primeira cena da peça teatral *A Fábrica* (2005) do dramaturgo Romero Nepomuceno, considerando nesse percurso as ligações existentes entre os elementos sociológicos das personagens e suas implicações na concepção de um imaginário social proposto pelo escritor.

No capítulo 6, Silvana Alves Cardoso aborda sobre o ato enunciativo, de perspectiva bakhtiniana, contido na enunciação do tradutor/intérprete durante o processo de tradução/interpretação do Português para a Libras, e tem como objetivo analisar os sentidos dos enunciados produzidos por esse profissional.

No capítulo 7, Layane Ferreira Dules, Jenaice Israel Ferro e Bruna

Izabela Ribeiro Alves dos Santos investigam a relação que os acontecimentos históricos têm na contribuição nas aulas de literatura. Além disso, apresentam seus desdobramentos no contexto atual e a necessidade de construção de uma leitura crítica sobre o tema, buscando instrumentalizar o processo de reflexão cultural dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos – EJA.

No capítulo 8, Sabrina Batista Justiniano, Clodoaldo Rodrigues Vieira, Irlane Silva De Souza, Regiane Magalhães Rêgo e Rodolfo De Lyra Ferreira analisam os desafios e percepções que permeiam o ensino e aprendizado do componente curricular Língua Inglesa. Para tanto, investigam os entraves dos professores e projeções dos alunos em relação ao ensino e aprendizado de Inglês no contexto de uma escola estadual do interior do Amazonas.

No capítulo 9, Lígia Chaves Ramos dos Santos, Lindsei Chaves Ramos e Janaína dos Santos Miranda observam que o pensador Paul Ricoeur, destaca a necessidade em se colocar à prova proposições e conceitos abordados em disciplinas de historiografia e de narrativa de ficção.

Jadilson Marinho da Silva

CAPÍTULO 1	1
AS MISSIVAS DE MÁRIO DE ANDRADE E MANUEL BANDEIRA: INTIMIDADE E ESTÉTICA DA LINGUAGEM	
Vitor Hugo da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316021	
CAPÍTULO 2	12
OS CRIVOS SIMBÓLICOS ROSEANOS: UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE PALAVRAS E IMAGENS EM <i>PRIMEIRAS ESTÓRIAS</i> , DE JOÃO GUIMARÃES ROSA NO JARDIM DE ROSA, O SERPENTEAR DE IMAGENS E PALAVRAS	
Alessandra Fonseca	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316022	
CAPÍTULO 3	53
TARSILA E O MELODRAMA	
Clarice da Silva Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316023	
CAPÍTULO 4	64
EFEITOS DE VERDADE NA JUSTIFICATIVA NORTE-AMERICANA DAS GUERRAS ÀS DROGAS E AO TERROR	
Elza Carolina Beckman Pieper	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316024	
CAPÍTULO 5	70
A <i>FÁBRICA</i> DE ROMERO NEPOMUCENO, UM OLHAR SOBRE O BRASIL CONTEMPORÂNEO	
Marcos da Silva Sales	
André Luiz Gomes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316025	
CAPÍTULO 6	86
CONSIDERAÇÕES ENUNCIATIVAS ACERDA DO PROCESSO TRADUTÓRIO/ INTERPRETATÓRIO	
Silvana Alves Cardoso	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316026	
CAPÍTULO 7	100
OS FATORES HISTÓRICOS NAS AULAS DE LITERATURA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA CULTURA DO SUJEITO DA EJA	
Layane Ferreira Dules	
Jenaice Israel Ferro	
Bruna Izabela Ribeiro Alves dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316027	

CAPÍTULO 8 112

ENSINO E APRENDIZADO DE LÍNGUA INGLESA: DESAFIOS E PERCEPÇÕES
NA ESCOLA ESTADUAL CORONEL FIÚZA, EM CAREIRO DA VÁRZEA-AM

Sabrina Batista Justiniano

Clodoaldo Rodrigues Vieira

Irlane Silva De Souza

Regiane Magalhães Rêgo

Rodolfo de Lyra Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316028>

CAPÍTULO 9 125

RICOEUR E O TEMPO: AS RESPOSTAS QUE FOMENTAM NOVAS AFORIAS

Lígia Chaves Ramos dos Santos

Lindsei Chaves Ramos

Janaína dos Santos Miranda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316029>

SOBRE O ORGANIZADOR 129**ÍNDICE REMISSIVO 130**

OS FATORES HISTÓRICOS NAS AULAS DE LITERATURA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA CULTURA DO SUJEITO DA EJA

Data de aceite: 01/02/2023

Layane Ferreira Dules

e Adultos, Literatura, Fatos Históricos.

Jenaice Israel Ferro

Bruna Izabela Ribeiro Alves dos Santos

THE HISTORICAL FACTORS IN LITERATURE CLASSES AND THEIR CONTRIBUTIONS TO THE CULTURE OF THE SUBJECT OF EJA

RESUMO: O texto em pauta, de cunho bibliográfico, objetiva discorrer sobre a relação que os acontecimentos históricos têm na contribuição nas aulas de literatura. O presente estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de cunho teórico baseada em alguns artigos e periódicos que abordam a relevância que o ensino desta disciplina tem na sociedade e no processo da construção identitária do indivíduo. Apresentando, portanto, seus desdobramentos no contexto atual e a necessidade de construção de uma leitura crítica sobre o tema, buscando instrumentalizar o processo de reflexão cultural dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Apresenta, dessa forma, o objetivo da importância do debate nas aulas de literatura a partir dos fatos históricos e que essa discussão possa resultar em uma gradual mudanças nos paradigmas que até então norteia as questões culturais, sociais e econômicas do sujeito da EJA.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens

ABSTRACT: The text in question, of a bibliographic nature, aims to discuss the relationship that historical events have in the contribution in literature classes. The present study was developed from a theoretical research based on some articles and periodicals that approach the relevance that the teaching of this discipline has in society and in the process of the individual's identity construction. Presenting, therefore, its developments in the current context and the need to build a critical reading on the subject, seeking to instrumentalize the process of cultural reflection of the subjects of Youth and Adult Education - EJA. In this way, it presents the objective of the importance of debate in literature classes from the historical facts and that this discussion can result in a gradual change in the paradigms that until then guide the cultural, social and economic issues of the subject of EJA.

KEYWORDS: Youth and Adult Education, Literacy, Culture, Historical Events.

INTRODUÇÃO

O diálogo entre o ensino da literatura e o conhecimento dos fatores históricos redimensiona um instrumento essencial na formação sociocultural do estudante da Educação de jovens e adultos, pois sinaliza e fundamenta a possibilidade de estudo e atividade que valorizem a atitude intelectual do aluno no desenvolvimento e envolvimento em trabalhos que favoreçam sua autonomia para aprender. Nesse contexto, a interdisciplinaridade dos acontecimentos históricos em relação a aula de literatura desempenha uma ferramenta de suma importância, visto que contempla pesquisa e reflexão da relação construída socialmente e da relação estabelecida entre indivíduo, grupo e o mundo social.

A ênfase nas práticas culturais é importante. São os participantes de uma cultura que dão sentido a indivíduos, objetos e acontecimentos. As coisas “em si” raramente- talvez nunca- têm um significado único, fixo e inalterável (Hall, 2006, p.13).

Segundo o posicionamento de Stuart Hall, o sujeito é composto por culturas que dão sentido ao indivíduo, no qual apresenta conceitos e sentidos distintos para cada sujeito. Seguindo esse contexto, os fatores históricos como ferramenta de discussão nas aulas de literatura são fundamentais, pois proporciona ao aluno da EJA a refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-los com a problemática histórica e social inerentes ao seu grupo de convívio, à sua localidade, à sua região e à sociedade nacional e mundial; ou seja, possibilita o discente a se compreender culturalmente. Visto que são indivíduos que a maioria são composto por uma classe marginalizada e “esquecida” pela sociedade.

Portanto, o presente estudo tem como objetivo refletir não somente os fatores históricos no ensino literário, mas utilizar essa disciplina como ferramenta em compreender melhor quem são esses indivíduos que compõem a educação de jovens e adultos? E, assim, entender os fatores que ilustram a sua importância na sociedade.

FATORES HISTÓRICOS COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÕES CULTURAIS NAS AULA DE LITERATURA DA EJA

A história é uma ciência que estuda a vida do homem através do tempo, assim, ensino da história é de suma importância pois é um dos elementos de construção do modo de vida humana, os hábitos, crenças e costumes, os quais são fatores essenciais na construção do mundo. Diante disso, a oferta dessa disciplina proporciona o discente analisar e refletir como que os homens foram e fizeram no seu desenvolvimento social, e isso nos ajuda a compreender sobre nós como sujeitos.

A história exige a seleção e ordenação de fatos sobre o passado à luz de algum princípio ou norma de objetividade aceito pelo historiador, que necessariamente inclui elementos de interpretação. Sem isso, o passado se dissolve em uma confusão de inumeráveis incidentes isolados e insignificantes, e a história não pode ser escrita de modo algum. (CARR, 1892 p 15).

Seguindo a ideia de Eduard Carr, os fatores históricos exigem uma seleção e uma organização dos fatos passados. Além disso, cabe ressaltar que os relatos da história são ferramentas cruciais nas discussões das aulas de literatura, visto não podemos excluir os acontecimentos históricos que são inseridos nas obras literárias, mas compreender como esses contextos vêm influenciando nos debates das obras apresentadas em sala de aula. Logo, Candido expressa a importância que a literatura tem na sociedade:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita, a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante (CANDIDO, 2013, p. 5 e 6).

Conforme o pensamento de Cândido, a literatura está em todo lugar e níveis da sociedade, ou seja, o ensino da literatura expressa a realidade de cada sociedade, pois a sua manifestação não se limita a classe e nem a um tempo histórico, mas sim a toda forma de expressão artística. Portanto, os fatores históricos nas aulas de literatura estão constantemente no nosso dia- dia e não podemos dispensar. Diante disso, a literatura não só se limita a transmitir uma espécie de conhecimento, o qual resulta como um instrumento de instrução, mas também é uma fonte de construção de mundo e de expressão.

Outrossim, o ensino literário é uma ferramenta poderosa na construção histórica, pois ela é um sonho da civilização, o qual ela é um fator indispensável ao ser humano, visto que está no nosso consciente e inconsciente. Cada civilização cria sua formação literária e histórica.

(...) O tempo é percebido como uma consequência de momentos que se excluem, uma sucessão de termos que aparecem e desaparecem, que introduz uma existência nova e nega uma existência dada. O tempo seria a constante redução do ser ao nada, pela descontinuação e sucessão do ser (...). (LAVELLE ; ALQUIÉ, apud REIS, 2012, p.20)

Diante disso, toda obra literária é um reflexo histórico de uma época e é antes de mais nada uma espécie de objeto, objeto construído o qual é de grande valia para a construção humana. Assim, as discussões dos fatos históricos nas aulas de literatura são de suma importância na construção do tempo, pois segundo José Carlos Reis, o tempo pode ser histórico, social, psicológico; mas cada “tempo” enfatiza uma ação de inclusão e exclusão, o qual deve ser debatido sobre essas experiências que negam ou/e que incluem uma visão social.

Portanto, os acontecimentos históricos são indispensáveis nas aulas de literatura, visto que as narrativas, personagens, objetos e abordagens pressupõe a construção de uma representação sobre a realidade. Assim, a literatura se tornou um instrumento

poderoso de instrução e educação, pois é o relato de várias histórias em um determinado tempo, a vivências de sujeitos e suas visões de mundo, pois segundo Carr (1892, P. 23): “Os indivíduos na história têm ‘papéis’; em certo sentido, o papel é mais importante que o indivíduo”. Desse modo, ainda seguindo a ideia de Eduard Carr, o ensino literário possibilita o discurso que oferta ao discente em um momento de reflexão sobre o mundo, os desejos, frustrações e sentimentos que o autor de uma obra literária apresenta. Ilustrando um momento fundamental no seu processo de ensino aprendizagem.

Diante desse prisma, os fatores históricos nas discussões das aulas de literatura são de suma relevância, pois a oferta dessa disciplina proporciona momentos de reflexão permanente diante de tudo que é expressado em sala de aula.

A partir de qual a priori histórico foi possível definir o grande tabuleiro das identidades distintas que se estabelece sobre o fundo confuso, indefinido, sem fisionomia e com que indiferente das indiferenças? A história da loucura seria a história do outro- daquilo que, para uma cultura é ao mesmo tempo interior e estranho, a ser, portanto, excluído (para conjurar-lhe o perigo interior), encerrando-o, porém (para reduzir- lhe a alteridade); a história da ordem das coisas seria a história do Mesmo- daquilo que para uma cultura, é ao mesmo tempo disperso e aparentado, a ser, portanto, distinguido por marcas de recolhido em identidades. (FOUCAULT, 2000, P. 17)

A obra *Las meninas*, Michael Foucault apresenta uma reflexão que parte do olhar do pintor, a qual esta reflexão remete a todo ciclo de representação do ato de pintar e o sujeito pintor. Desta forma, se torna possível perceber todo o ciclo de representação: o olhar, a paleta, o pincel, a tela em que não se sabe o que está representado, como instrumentos materiais da representação. Michel Foucault faz em seu texto uma análise detalhada do quadro de Diego Velázquez, buscando compreender a obra, em todas as relações que se pode fazer entre seus componentes. Ele constrói sua narrativa basicamente a partir das incertezas e ambiguidades presentes no quadro.

Dessa forma, ao fazer analogia da obra de Michael Foucault, *Las meninas*, com o ensino literário como ferramenta histórica na trajetória de resistência dos alunos da educação de jovens e adultos, percebe-se que a discussão dos fatos históricos nas aulas de literatura acaba proporcionando ao discente a “enxergar” fatores de representação que compõe o sujeito, visto que muitas das vezes não conseguimos entender ou compreender, durante as aulas de língua portuguesa, como a questão das ações, hábitos e costumes de uma personagem, e é através dos acontecimentos históricos que são inseridos nos debates e leituras realizados em sala de aula que podemos aprimorar a compreensão sobre essas questões culturais, aproximando, assim, o leitor a sua visão crítica e transformadora.

Entretanto, a literatura é inserida no ensino escolar como um conjunto de códigos e que, conseqüentemente, este método de ensino está refletindo no fracasso escolar; o qual, o gosto pela literatura, o desenvolvimento crítico e o prazer da leitura estão cada vez mais distantes do “universo” do aluno. Logo, os acontecimentos históricos são apresentados

como um dado e não como um instrumento de reflexão cultural.

Assim, pode-se constatar que a oferta do ensino literário padronizado que se distancia de um instrumento de aperfeiçoamento crítico e dialógico, resulta também na exclusão de fatos históricos de um povo, de sua identidade. Partindo dessa premissa, Segundo Foucault quando parafraseia Pachero (2000, P.23): “A imagem deve sair da moldura.” Retrata a necessidade de analisar o sujeito que compõe um núcleo social e cultura. Diante disso, quando se utiliza o ensino literário como ferramenta histórica na formação cultural do sujeito da EJA, deve levar em consideração as particularidades de um corpo discente tão único e complexo, marcado por alunos/vítimas de um processo de interrupções, pois as características dos sujeitos que o compõe essa modalidade de ensino é formado por pessoas que vivem em condições precárias, em sua maioria são desempregadas ou subempregadas e que para a permanência do ensino regular este público tem que enfrentar as barreiras de ordem social e econômica que os circundam. Logo, esses sujeitos da EJA são tachados pela classe privilegiada como seres sem valores, violentos, desordeiros, inconsistente e incivilizados.

Diante do exposto, para esses discentes, a instituição escolar deve ser um ambiente que proporcione um momento de sociabilidade e de cruzamento de informações numa perspectiva de sujeitos/autores de suas histórias, daqueles que aprendem diversos saberes e que tenham um significado concreto, pois se faz necessário o crescimento das suas experiências em sala de aula. Dessa forma, fica evidente a preocupação desses alunos em saber se o conteúdo discutido em sala de aula vai ou não acrescentar no seu cotidiano.

A visão de mundo de uma pessoa que retorna aos estudos na fase adulta, após um tempo afastada da escola, ou mesmo daquela que inicia sua trajetória nessa fase da vida é bastante peculiar. Protagonistas de histórias reais e ricos em experiências vividas, os alunos jovens e adultos configuram tipos humanos diversos. Homens e mulheres que chegam a escola com crenças e valores já constituídos (BRASIL, 2006, p.4).

Além disso, Segundo BRASIL, com a peculiaridade que esse público apresenta, visto que são pessoas que ficaram um certo tempo afastado do ambiente escolar, ainda é comum a visão equivocada de que esse seguimento tem como finalidade apenas de recuperar o tempo perdido daqueles que não aprenderam a ler e a escrever. Assim, o discente da educação de jovens e adultos para Pinto (2010, p. 83), é um sujeito adulto membro da sociedade ao qual cabe a produção social e reprodução da espécie, é um trabalhador trabalhado, a este, a sociedade determina as condições e possibilidades materiais, econômicas e culturais de seu trabalho. Logo, é de suma importância que o ensino para esse público, principalmente voltado a oferta da literatura, possa abranger um processo de compartilhamento de conhecimento, principalmente apresentando a importâncias dos fatores históricos que contribuiu na sua formação cultural como sujeito, além de ser um direito de todos a ter uma educação de qualidade, mas também que à

volta para a sala de aula seja uma oportunidade, no momento atual, um resgate da dívida sociocultural, o que não foi feito no tempo da infância.

Tendo em vista essa postura contemplativa do texto, o ensino voltado a educação de jovens e adultos apresenta um perfil diferenciador da escolarização regular, do qual essa distinção não se limita apenas pela faixa etária, mas também pela questão sócio histórico-cultural. Nesse sentido, o ensino literário na EJA deve possibilitar ao aluno a sua integração com os conteúdos discutidos em sala de aula, apresentando elementos históricos sobre como se identificam, das quais, muitas das vezes, são suas experiências existenciais que não podemos ver, mas que são essenciais e se revelam, paulatinamente, na exposição de sua leitura.

IDENTIDADE CULTURAL – O SER HUMANO E SUAS EXPERIÊNCIAS NAS AULAS DE LITERATURA NA EJA.

Mesmo que não seja ainda o momento de lutar pela revolução. Certamente se passou o tempo de buscarmos a nossa conscientização. As crianças são o futuro, mas o presente depende muito de você. Não venda sua identidade cultural. Esse é o maior tesouro que um país pode ter.

[...]

Povo Brasileiro – Natiruts

O trecho da música de Natiruts propõe uma reflexão sobre o conceito de identidade, no qual Stuar Hall (2006) retrata o sujeito fragmentado, que está em constante transformação, assim, o ser humano é produtor e reproduzidor da cultura.

“A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um Sujeito unificado. (Hall, 2006, p.7).

Hall em seu estudo sobre a identidade cultura, nos períodos do século XIX e XX, faz uma crítica sobre o sujeito iluminista, visto como ser unificado e sem alteração. Assim, o autor irá propor que estamos em constantes alterações e que essas mudanças também impactam na construção identitária e cultural do sujeito. Apresentando, assim, que o sujeito deixa de ser visto como algo unificado e passa a ser visto como indivíduo que está em constante procura de si mesmo.

Diante do exposto, o conceito sobre cultura está relacionado as mudanças ocorridas pelo desenvolvimento histórico, social e humano. Nesse sentido, antropólogo Clifford Geertz, retrata em sua obra: A interpretação das culturas (1989, P.12): “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. Logo, para Geertz, diferente dos seres irracionais, que somente reproduzem e sobrevivem a partir das experiências genéticas, os seres racionais sobrevivem através das experiências com os outros. Assim,

essa interação faz surgir conjuntos de crenças, valores, costumes, hábitos que permitem que haja o surgimento de várias culturas.

(...) a palavra 'cultura' passou a ser utilizada para se referir a tudo o que seja característico sobre o 'modo de vida' de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social- o que veio a ser conhecido como a definição 'antropológica'. Por outro lado, a palavra também passou a ser utilizada para descrever os "valores compartilhados" de um grupo ou de uma sociedade - o que de certo modo se assemelha à definição antropológica, mas com mais ênfase sociológica maior. (HALL, 2016, p. 11).

Dessa maneira, conforme Hall, entende-se que a cultural é de suma relevância, pois ela está intimamente relacionada ao sujeito e sua identidade, conforme o tempo-espaço que o mesmo está inserido. Pois, ainda segundo o autor, o conceito de cultura nos dias atuais passou a ser visto como modo de vida de um grupo social e/ou os valores compartilhados de uma sociedade. Assim, conforme Ruth Benedic em sua obra: *O crisântemo e a Espada*, 1972, retrata "a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes e, portanto, têm visões desencontradas das coisas." Conforme a autora, a cultura não apresenta uma única forma de representação ou significado, mas que pode e é vista de diversas maneiras, conforme as experiências, costumes e hábitos inseridos no cotidiano do ser humano.

Além disso, segundo Geertz (2008, p. 27) "a humanidade é tão variada em sua essência como em sua expressão" e "um ser humano pode ser um enigma completo para outro" (p.10). Diante disso, a cultura é parte fundamental no processo de formação, no qual trata-se de um sistema de símbolos que interagem com os sistemas de símbolos de cada indivíduo numa interação recíproca. Portanto, a cultura amplia os horizontes e une pessoas. Assim, conforma Deleuze e Guattari, o indivíduo vivencia constantemente o processo de territorialização simbólica, que é uma forma de pertencimento a uma cultura; no entanto, o mesmo está sujeito a se desterritorializar, ou seja, não pertencer mais a determinada cultura, visto que somos, conforme Hall, em constante procura de si mesmo.

Jamais nos desterritorializamos sozinhos, mas no mínimo com dois termos (...). E cada um dos dois termos se reterritorializa sobre o outro. De forma que não se deve confundir a territorialização com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga: ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua (DELEUZE E GUATTARI, 1996; 1980, p.40-41).

Ainda conforme os autores, a territorialização simbólica é definindo como um processo de pertencimento que o sujeito vivencia, e esse fator acaba fazendo parte da cultura do sujeito, onde isso possa definir a ideologia que o mesmo acredita e, portanto, esse processo acaba influenciando na identidade do indivíduo em questão. Entretanto, o mesmo pode apresentar um conceito de desterritorialização, o qual é quando o sujeito não pertence mais aqueles conceitos e/ou cultura estabelecido.

Portanto, (SANTOS, 1994). Sachs (2005) ressalta “cultura é um conceito holístico, e no seu bojo surgem culturas particulares”. Seguindo esse prisma, abordar sobre cultura necessita de uma compreensão sobre a complexidade da existência humana, visto que cada ser é composto por uma realidade cultural e possui sua própria racionalidade, e o entendimento destes aspectos racionais é de grande relevância na luta contra preconceitos ou idealizações errôneas a respeito de diferentes práticas culturais, e também na potencialização de novas maneiras de conceber nossa sociedade (SANTOS, 1994).

Diante disso, a discussão sobre o conceito de “cultura” Freire (2011a, p. 30) ressalta que ela “se define a partir de tudo que o homem cria”, assim, é resultado de ações humanas. Diante disso, a cultura também deve ser um instrumento de discussão no ambiente escolar, principalmente nas aulas de literatura, visto que conforme o antropólogo Kluckhohn 1963, apud OLIVEIRA, 2011, p. 135) esta se traduz como “toda a vida de um povo, como uma herança social adquirida do próprio grupo ao qual é pertencente, ou ainda pode ser entendida como parte do próprio ambiente criado”, ou seja, a cultura está implicitamente em cada hábito, costumes e crenças que passa por gerações.

Observando conceitos e definições, se pode compreender que a cultura se denomina à partir de tudo que circunda o homem, tudo que é visto, ouvido, aprendido, e conhecido, na sua interação social durante toda sua existência, tudo que se refere ao homem em sociedade e, especialmente, se refere a toda a sua produção: bens materiais e bens simbólicos (VYGOSTSKY, apud LOPES, 2005 p.13).

Ainda conforme Lopes, a cultura é reflexo do homem em sociedade, assim, as aulas de literatura, como ambiente de transmissão de conhecimento e de cruzamento de várias culturas, devem auxiliar na integração do sujeito com a sociedade. Dessa forma, elas devem proporcionar, visando conjuntamente e em prol desta, os instrumentos indispensáveis à aprendizagem dos conhecimentos com real significado social.

A cultura não é só a manifestação artística ou intelectual que se expressa no pensamento. A cultura manifesta-se, sobretudo, nos gestos mais simples da vida cotidiana. Cultura é comer de modo diferente, é dar a mão de modo diferente, é relacionar-se com o outro de outro modo (...). Cultura para nós são todas as manifestações humanas; inclusive o cotidiano, e é no cotidiano que se dá algo essencial: o descobrimento da diferença (Freire & Faundez, 1985, p.34).

Diante disso, para Freire e Faundez, a cultura acompanha o ser humano em todo seu percurso, ela se encontra em todos os lugares e se manifesta no nosso discurso, a maneira que vivemos. Ela representa um povo e suas crenças e hábitos. Nesse sentido, Libâneo ressalta que (2004, p. 61), “é premente que se considere, além de tudo, que os discentes vão para o ambiente escolar, trazendo suas significações, valores, crenças, formas de agir, que resultam de seus aprendizados informais, denominados como cultura paralela ou currículo extraescolar”.

Assim, a importância de ser inserido a cultura dos alunos da EJA em sala de aula,

é um fator fundamental, pois o processo de ensino-aprendizagem pode nortear o aluno em sua posição frente ao mundo e desenvolvendo sua real aprendizagem dos conteúdos discutidos em sala de aula e seu conhecimento do mundo, no qual tenha por objetivo proporcionar um ensino amplo, fundamentado em construir a identidade e o caráter do homem como cidadão. Assim, Candau e Moreira expressão:

Não há educação que não esteja imersa na cultura da humanidade e, particularmente, do momento histórico em que se situa. A reflexão sobre esta temática é co-extensiva ao próprio desenvolvimento do pensamento pedagógico. Não se pode conceber uma experiência pedagógica “desculturizada”, em que a referência cultural não esteja presente. A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois pólos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados (MOREIRA & CANDAU 2003, p.159).

A cultura e suas discussões no ambiente escolar é um grande desafio, pois ela é um fator amplo e complexo, que representa tudo que o ser humano reproduz. De tal maneira, que as obras literárias ofertadas aos alunos estão intercaladas a dimensões culturais e se forma um ambiente social construindo por interações distintas, apresentando um cruzamento de vários hábitos, valores, gêneros e épocas. Assim, constata-se que nas instituições escolares, principalmente as aulas de literatura na EJA, o interculturalíssimo tem se aperfeiçoado através das reflexões realizadas em sala de aula, no qual deve proporcionar o pluralismo e a igualdade de oportunidades educativas e sociais. Desse modo, Vieira expressa:

O modelo intercultural implica uma dialéctica em constante contradição: assegurar a diferença e simultaneamente não a sustentar. [...] O interculturalismo implica não somente reconhecer as diferenças, não somente aceitá-las, mas – e o que é mais difícil – fazer com que elas sejam a origem de uma dinâmica de criações novas, de inovação, de enriquecimentos recíprocos e não de fechamentos e de obstáculos ao enriquecimento pela troca (Vieira, 1995, p.143).

Entretanto, apesar do pluralismo cultural ser direito de todos, e que a escola possa proporcionar seu debate, a interculturalidade em discussão nas instituições escolares, principalmente na educação de jovens e adultos apresenta um ensino distante da realidade dos discentes, ofertando métodos homogeneizadores dos processos educativos, pois segundo Hall (2016, p. 13) ressalta que: “o sentido é um diálogo – sempre parcialmente compreendido, sempre uma troca desigual(...)”. Diante do exposto de Stuart Hall, em sua obra “a cultura e representações”, percebe-se que se percebe que a exposição cultural vem perpetuando ao longo da história uma supremacia de determinadas classes e culturas em relação as demais, e que esse fator respingue na sala de aula, que conseqüentemente esta desconsidera as heterogeneidades e a interculturalidade em que os alunos são imersos.

Diante desse contexto, uma das culturas que é marginalizada ao longo da história e

esquecida/ desprezada nas discussões em sala de aula é o sujeito da EJA, no qual conforme Segundo Vóvio (2009, p.84), a cultura está presente: “no modo como se expressam, nos significados que atribuem ao processo de aprendizagem, no modo como percebem a si mesmos e aos outros, nos interesses que possuem, nas questões que afetam sua vida e no modo como se posicionam socialmente, entre outros.” Assim, para a autora, o aluno da educação de jovens e adultos são sujeitos que apresentam sua cultura, o que necessita ter seus hábitos e crenças como ferramentas de discussão nas aulas de literatura, pois os mesmos necessitam partilhar suas narrativas, suas vidas e os grupos sociais que pertencem.

[...] como um projeto educativo que valoriza a diversidade sociocultural, ao mesmo tempo que aposta na reanimação da cultura: encontro, relação, convivência, festa, alegria, fantasia e comunicação. [...] um projeto em construção, uma força dinamizadora da vida que, partindo dos topos culturais, permitirá um caminho mais humanizante para as mulheres e para os homens (PERES, 1999, p. 67).

Nesta perspectiva, ainda conforme Peres, a interculturalidade no contexto escolar, principalmente na EJA, deve possibilitar a quebra do etnocentrismo sociocultural, e que possa levar em consideração uma educação plural, e que possa se aproximar das situações nas quais os alunos estão envolvidos. Dessa maneira, os discentes da EJA possam ter um ensino pluriculturais, garantindo uma educação aos trabalhadores, marginalizados do desenvolvimento educacional, os de classes menos favorecidas, correspondendo às suas necessidades específicas.

Portanto, a oferta do ensino literário na EJA deve ter por intuito valorizar as diferenças socioculturais, que possa possibilitar um ensino dialógico, e que resulte em relações e convívios humanos, no qual o cruzamento cultural possa ser um instrumento de tolerância e empatia ao outro. Assim, entender que a oferta do ensino na educação de jovens e adultos seja uma maneira de proporcionar respeito as diferenças e que sejam indivíduos inclusos na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse estudo de cunho bibliográfico, pode-se constatar que o ambiente escolar é de suma importância na construção do sujeito em sociedade. Assim, apresenta o papel relevante que os acontecimentos históricos têm nas metodologias das aulas de literatura, principalmente no ensino da Educação de Jovens e Adultos. Diante desse posicionamento, a interdisciplinaridade dessas duas áreas proporciona ao aluno a valorizar a sua trajetória como sujeito inserido no contexto social, econômico e histórico.

Diante disso, a oferta da disciplina dos acontecimentos históricos com as obras literárias deve ter como principal objetivo formar sujeitos críticos com a realidade na qual estão inseridos, devido ao fato de que seus conceitos e conteúdos possam fazer

com que os alunos debatam sobre o que está acontecendo não somente sobre o passado, mas também sobre o presente. Outrossim, é de suma importância que o âmbito escolar proporcione condições necessárias para uma metodologia plural e diversificada.

Além disso, os autores apresentados ao longo da discussão, reforçam a valorização dessas temáticas que favoreçam uma compreensão dialógica sobre essa interdisciplinaridade e sua reconstrução cultural e identitária que o aluno vem apresentando ao longo das aulas. Logo, é indispensável a discussão sobre os fatores históricos nas aulas de literatura, do qual vem modificando a visão do sujeito sobre diversas vertentes de sua vida. Além disso, é de suma importância refletir como a cultura do aluno é abordado em sala de aula, pois também é um instrumento importante na construção da criticidade do alunado, no qual os assuntos abordados em sala de aula devem possibilitar a aproximação das experiências vividas pelos alunos da EJA com o que eles vêm no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **COLEÇÃO TRABALHANDO COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**. CADERNO 4: ALUNOS E ALUNAS DA EJA. Brasília, 2006.
2. BENEDICT, R. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
3. CANDIDO, A. **O DIREITO À LITERATURA**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2013.
4. CARR, Edward Hallet. **Que é História?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
5. DELEUZE, G. e GUATTARI, F. 1996 (1980). **Mil Platôs: Capitalismo e GEOgraphia** - Ano IX - No17 – 2007.
6. FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **POR UMA PEDAGOGIA DA PERGUNTA**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
7. FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
8. GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2019.
9. HALL, Stuart.. **A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
_____. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.
10. LOPES, K. R.; MENDES, R. P.; FARIA, V. L. B. (Orgs.). **COLEÇÃO PRO- INFANTIL MODULO II UNIDADE 3 LIVROS DE ESTUDO**. vol. Brasília: MEC. 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educonf/mod_ii_vol2unid2.pdf Acesso em: 10 de janeiro de 2022.
11. MOREIRA, A. F. & CANDAU, V. M. (2003). Educação escolar e culturas: Construindocaminhos. **REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO**, n. 23, mai,- ago.

12. OLIVEIRA, P. S. **INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA**. 30ª ed. São Paulo: Ática, 2011.
13. PERES, A. **EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: UTOPIA OU REALIDADE?** Porto: Profedições, Lda/ Jornal a Página, 1999.
14. PINTO, A. V. **SETE LIÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO DE ADULTOS**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 2010.
15. REIS, José Carlos. **Teoria e história: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.
16. SACHS, I. Desenvolvimento e Cultura. Desenvolvimento da Cultura. Cultura do Desenvolvimento. 2005. **REVISTA ORGANIZAÇÕES & SOCIEDADE**, v. 12, n.33, Abril/Junho 2005. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/10782/7730>. Acesso em: 22 de dezembro de 2021.
17. SANTOS, J. L. **O QUE É CULTURA**. 14º. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
18. VIEIRA, R. **MENTALIDADES, ESCOLA E PEDAGOGIA IN TERCULTURAL**. In: Educação, Sociedade e Culturas, n.º 4, p.127-147, 1995.

A

A Fábrica 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 85

B

Bakhtin 53, 58, 59, 60, 63

C

Correspondência 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 51, 63

Currículo escolar 112

D

Discurso Norte-Americano 64, 66

Dramaturgia 55, 56, 57, 62, 63, 70, 72, 73, 74, 84

E

Educação de jovens e adultos 100, 101, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 123

Efeitos de verdade 64, 65

Ensino de inglês 112, 119, 120, 121, 122

Enunciados 66, 86, 87, 91, 92, 93, 95, 96, 97

Escola pública rural 112, 122

Estados de violência 64, 67, 69

Estética da linguagem 1, 3, 5, 11

Estética Teatral 70

F

Fatos históricos 61, 80, 100, 102, 103, 104

Formação docente 113, 118, 129

I

Interpretação 5, 12, 14, 15, 16, 30, 33, 38, 40, 45, 49, 50, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 105, 110

L

Libras 86, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99

Língua inglesa 112, 114, 118, 119

Literatura 3, 5, 11, 13, 20, 21, 30, 33, 41, 43, 44, 61, 63, 70, 71, 72, 83, 84, 90, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 129

M

Manuel Bandeira 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 20, 21

Mário de Andrade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 21, 53, 57

Melodrama 53, 54, 55, 59, 62, 63

Modernismo 3, 10, 53, 55, 56, 57

P

Palavras 1, 3, 8, 12, 16, 18, 23, 25, 27, 28, 34, 46, 47, 49, 53, 64, 68, 70, 72, 82, 83, 84, 87, 92, 93, 96, 100, 110, 112

Português 86, 87, 89, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 116, 118, 120, 125

Primeiras estórias 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 35, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

R

Relações 1, 11, 12, 13, 15, 17, 27, 59, 60, 63, 64, 66, 68, 70, 72, 74, 76, 81, 83, 88, 93, 96, 103, 108, 109, 115, 127

Romero Nepomuceno 70, 71, 72, 77

S

Sentidos 34, 86, 87, 94, 96, 97, 101, 117

T

Tarsila 53, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63

Teatro 3, 20, 21, 26, 53, 55, 56, 63, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 84, 85

Tradução 12, 13, 14, 24, 33, 49, 50, 63, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 110

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 4

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 4

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br